



A esfera celeste vista de fora: A linha eclíptica está desenhada a tracejado, a faixa zodiacal a azul apresenta 20° de largura latitudinal. A seta vermelha mostra a latitude de uma estrela fora da faixa zodiacal. (Desenho: A.Cudell, 2019)

Astrologia com Estrelas Fixas

publicado em 4 Estações, Jornal de Investigação e Pesquisa Astrológica, nº.30/31, 2019/20

A astrologia de estrelas fixas ou astrologia sideral inclui no horóscopo estrelas e outros corpos celestes para além dos planetas. No entanto são raros os astrólogos, que estudam e interpretam estrelas fixas. Porquê? Faltava pôr essa pergunta. Porque:

- 1) é preciso saber matemática, mecânica celeste e trigonometria esférica;
- 2) não há consenso entre os astrólogos, sobre o uso de estrelas fixas.

Já Cláudio Ptolomeu no séc. II escreveu sobre a "... complicação e diversidade ..." do uso das estrelas fixas no livro III, capítulo II da sua obra "Tetrabiblos".

Os astrólogos mais antigos eram matemáticos, porque para levantar um mapa do céu era preciso observar os céus, e era preciso fazer uma série de cálculos para determinar a posição dos planetas. Depois Johannes Kepler, astrólogo e astrónomo, no séc. XVII realizou essa gigante tarefa, que foi formular os movimentos dos planetas e estabelecer as três “Leis de Kepler”. Assim tornou-se possível calcular as posições dos planetas para qualquer ponto no futuro ou no passado sem sair de casa. A partir de Kepler tornou-se bastante mais fácil calcular horóscopos, bastava consultar as efemérides.

Matemática

A astrologia tradicional utiliza o sistema solar e os planetas tradicionais, limita-se a observar a linha eclíptica. Os planetas circulam como pontos sobre essa linha, como se não possuíssem latitude eclíptica. E enquanto esses pontos apresentarem apenas pequenas latitudes - digamos até 10° - podemos fazer astrologia assim, a prática confirma-o. 10° é uma orbe generosa mas praticável. A linha eclíptica projectada no espaço forma o círculo do horóscopo.

A astrologia sideral observa uma esfera, mais precisamente a superfície interior da esfera celeste. Se desenharmos um triângulo sobre uma esfera, os ângulos não somam 180° como acontece numa superfície plana.

As órbitas dos planetas encontram-se inclinadas em relação ao plano da eclíptica. A inclinação orbital corresponde à latitude máxima, que cada planeta pode atingir.

A tabela apresenta as inclinações orbitais dos planetas astrológicos, de alguns dos maiores asteróides e a latitude eclíptica de algumas estrelas e de outros corpos celestes bem conhecidos. (Atenção: não confundir latitude eclíptica com a latitude equatorial, a declinação.)

planetas	inclinação orbital	asteróides	inclinação orbital	corpos siderais	latitude eclíptica
Júpiter, Úrano	1°	Hygiea	4°	Regulus	0°
Marte, Saturno, Neptuno	2°	Chiron, Vesta	7°	Spica, Presépio	2°
Vénus	3°	Ceres, Sedna	11°	Aldebaran, Antares	- 5°
Lua	5°	Juno	13°	Centro Galáctico	- 6°
Mercúrio	7°	Varuna	17°	Sírius	- 40°
Plutão	17°	Pallas	35°	Archenar	- 59°
		Eris	44°	Vega	62°

A maioria dos planetas astrológicos apresentam pequenas inclinações orbitais desprezíveis. Mas para Plutão a coisa já se torna crítica, pois pode adquirir 17° de latitude. Mas enquanto única excepção e que se aplica a apenas alguns períodos da sua órbita, podemos viver bem com isso. Já para alguns asteróides a coisa torna-se impraticável pois alguns têm órbitas muito inclinadas, p. ex. o asteróide Pallas pode afastar-se 35° do zodíaco. Como se avalia uma conjunção entre um planeta e um asteróide se estão afastados 35°?

Desde 1993 que estudo as estrelas fixas e a sua inclusão na astrologia. Há as que os olhos vêem e as que apenas os telescópios vêem. Cheguei à conclusão que enquanto um objecto sideral tiver uma latitude não superior a uns 10° (ou eventualmente 15°) podemos integrá-lo no círculo do horóscopo como se de um planeta se tratasse. Há estrelas fixas, que têm latitudes significativamente superiores a 10° ou 15°. Para essas não se podem considerar as conjunções com os eixos – ascendente, descendente, meio-céu, fundo do céu - pois aí a geometria esférica prega-nos partidas. Igualmente a colocação nas casas torna-se muito inexacta com o aumento da latitude.

Aqui não posso deixar de mencionar **Bernadette Brady**, astróloga e egiptóloga, contemporânea, que estudou profundamente antigas mitologias, livros científicos antigos e sítios arqueológicos em busca da astrologia e astronomia usadas por antigos povos. Chama a esta disciplina *astrologia e astronomia cultural*. "... os nossos instintos anciãos falam para a nossa mente moderna..." (Brady's Book of Fixed Stars, 1998). Os antigos não tinham outro meio senão o de observarem o céu directamente. Foi preciso relembrar essas coisas tão simples. Brady reconstruiu sistemas celestes baseados na observação, criou ferramentas de cálculo para agarrar as dimensões esféricas do espaço sideral e deu assim um passo pioneiro não só para o astrólogo, que procura trabalhar com estrelas fixas, como também para nos relembrar que abandonando a observação do céu, diurno e nocturno, dos horizontes, da culminação dos astros, ficou de fora uma parte da astrologia.

Consenso astrológico

Aspectos: Os astrólogos siderais (ocidentais) na sua maioria consensualizam sobre uma questão. De todos os aspectos, apenas consideram a conjunção. As estrelas fixas não alteram a sua posição no céu, mantêm-se imóveis durante milénios. Os planetas e os eixos do horóscopo mudam os ângulos entre si, para estes torna-se necessário calcular variados ângulos.

Orbe: Já sobre a orbe a considerar há opiniões diversas. Há quem afirme que só se deve usar uma orbe de meio grau (30') ou de um grau (1°). Já outros, trabalham com orbes de 5° ou mais, como as que são habituais para os planetas.

Devemos considerar conjuntos de estrelas ou estrelas individuais?

O que fazer com as grandes latitudes eclípticas de muitas estrelas?

A partir daqui as dimensões ilimitadas do universo estrelado deixam em aberto muitas questões, que ainda não foram respondidas de forma consensual. Ainda não se abriu a porta a uma mais ampla interpretação de corpos celestes extra-sistema-solar.

Astrologia sideral indiana

Quando fui confrontada pela primeira vez com um horóscopo indiano, foi como chegar a Inglaterra e ter que conduzir do lado esquerdo. O zodíaco indiano encontra-se deslocado 24° em relação ao nosso, enquanto o desenho do horóscopo é igual. Torna-se confuso.

Enquanto nós usamos o zodíaco tropical, ligado às estações do ano, os indianos têm um zodíaco fixado nas estrelas e constelações, chamado *sideral*. Tanto os indianos como nós cá no ocidente, ambos usamos signos uniformes de 30°.

	astrologia ocidental	astrologia indiana
zodiaco	tropical (ou trópico)*	sideral
divisões do zodiaco	signos de 30°	signos de 30°
base do zodiaco	as estações do ano, 0° ♈ corresponde ao início da primavera	as constelações, uma estrela definida estabelece o ponto de referência
precessão	sim	não
efeitos da precessão	o zodiaco move-se retrógrado em relação às estrelas, 1° em 72 anos	os zódiaos siderais indianos não mudam ao longo dos séculos

*O zodiaco tropical ou trópico é aquilo a que vulgarmente se chama de *signos*, aqueles que toda a gente conhece.

A astrologia com estrelas fixas ocidental utiliza o zodiaco tropical como base para todos os cálculos e para indicar todas as posições de planetas, estrelas e demais corpos celestes.

Conclusão

A questão sobre como fazer os cálculos com estrelas fixas com grandes latitudes continua não resolvida. Será necessário criar também novos gráficos para representar os céus, pois o horóscopo tradicional não aguenta maior carga de dados, e desenvolver métodos aceitáveis, compreensíveis e consensuais a outros astrólogos.

Continua.